

## Apresentação

*Luiz Carlos Bresser Pereira*

Este livro foi o resultado da iniciativa de Bernardo Buarque de Hollanda, que soube que eu havia sido crítico de cinema na juventude, entre 1953 e 1955, e teve a ideia de transformar minhas críticas em um livro – algo que o fez com muita competência.

No início de 1953, eu tinha dezoito anos e já trabalhava em *O Tempo*, o jornal que meu pai fundara em São Paulo e que existiu entre 1950 e 1955. Eu começara no jornal aos dezesseis anos, como revisor, enquanto ainda estudava no Colégio São Luiz, e depois de um ano passei a repórter. Mas naquela época, ainda que me interessasse por economia e política, o que me interessava mesmo era o cinema. Entre 1951 e 1952, fiz o Seminário de Cinema do Museu de Arte de São Paulo, coordenado por Marcos Margulies, que era então ainda na rua Sete de Abril. Tínhamos aulas todas as noites, das 20 às 22 horas. Foi um excelente curso.

Assim, quando Walter George Durst, que depois seria um importante cineasta, deixou a crítica de cinema de *O Tempo*, eu o substituí, e neste livro estão as críticas que escrevi então: Eram críticas breves que eu escrevia diariamente. Foi isso que levou meu futuro sogro (pai de minha mulher de sempre, Vera), quando eu estava começando a namorar, a dizer um dia à filha: “esse rapaz não vai longe, vai todos os dias ao cinema.”

As críticas eram de um jovem que acreditava ter compreendido qual era “a verdadeira linguagem do cinema” – a linguagem de Serguei Eisenstein, Jean Renoir e Alfred Hitchcock – como se houvesse uma única forma de fazer cinema na qual o movimento e a montagem eram os principais elementos. Talvez por isso eu tenha sido, em uma das minhas primeiras críticas, tão azedo com o “*O Cangaceiro*” (1953), de Lima Barreto, da qual me arrependo. Eu disse que o filme era presunçoso, quando, na verdade, era um ótimo filme – o primeiro filme sobre o cangaço. Talvez presunçoso fosse o jovem Bresser... Nessa idade a gente acredita que sabe tudo quando de fato sabemos muito pouco. Felizmente, em um balanço de 1954, eu reconheci que “*O Cangaceiro*” é um filme “forte e vigoroso”.

Naquela época, a Vera Cruz era o grande estúdio de cinema que o produtor italiano Franco Zampari e o industrial brasileiro Francisco Matarazzo Sobrinho haviam fundado para dar uma qualidade internacional ao cinema brasileiro, trazendo para isso muitos cineastas estrangeiros para dirigir os filmes. Esse foi o caso de Adolfo Celi e Tom Payne. “*Caiçara*” (1950), concebido e que

devia ser dirigido por Alberto Cavalcanti, com Eliane Lage, “O Cangaceiro”, de Lima Barreto com Alberto Ruschel e Marisa Prado, e “Sinhá Moça”, de Thomas Payne, com Eliane Lage e Anselmo Duarte, foram os melhores filmes. A Vera Cruz existiu entre 1950 e 1955, quando faliu. Seus filmes talvez fossem um pouco formais, mas eram de ótima qualidade, e a companhia deixou uma importante herança para o cinema brasileiro.

Fiz também críticas das chanchadas da Atlântida Cinematográfica. Filmes encantadores, cheios de graça e de alegria, como “Carnaval Atlântida” (1953), de José Carlos Burle, com Oscarito, José Lewgoy e Eliana, com o qual eu fui impiedoso na minha crítica. Ou como “É Fogo na Roupa” (1953), dirigido fora da Atlântida por Watson Macedo, com Bené Nunes, Ankito e Heloisa Helena, com o qual fui menos severo. Watson Macedo havia antes dirigido para a Atlântida a obra prima do gênero, “Carnaval no Fogo” (1949), com Oscarito, Grande Otelo, Eliane Macedo e Anselmo Duarte. Testemunhei também o nascimento de pequenas companhias como a Maristela e a Multifilmes.

Tenho uma lembrança especial do primeiro filme de Walter Hugo Khouri, que viria a ser mais tarde um grande criador de filmes. Eu percebi no jovem cineasta, apenas um pouco mais velho do que eu, no seu primeiro filme, “Cidade de Pedra” (1953), com Paulo Montiel e Irene Kramer, o notável cineasta de “Noite Vazia” (1964), com Norma Benguel, Odete Lara e Mario Benvenuti. Ele viria a ser sempre acusado de formalista, de não identificado com o Brasil, mas hoje é reconhecido.

Naquele tempo não haviam ainda chegado os grandes cineastas brasileiros que, como Khouri, trabalhavam com produtoras independentes, como Nelson Pereira dos Santos, cujo primeiro filme, “Rio, 40 Graus”, é de 1955, Roberto Santos, de “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, cujo primeiro filme é de 1958, Glauber Rocha, de “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, e primeiro filme de 1962, e Cacá Diegues, de “Bye Bye, Brazil”, e primeiro longa metragem também de 1962.

Fico devendo a crítica desses grandes filmes, dívida desnecessária porque melhores e mais maduros críticos já fizeram sua análise. O que lhes posso oferecer são algumas críticas esparsas que fiz por um motivo ou outro porque me mantive sempre um cinéfilo. Quando estava fazendo o Seminário de Cinema do Museu de Arte eu cheguei a pensar em ser um cineasta, mas em janeiro de 1955, ao ler uma revista dos intelectuais desenvolvimentistas do Instituto Superior de Estudos

Brasileiros, eu “descobri” o Brasil e decidi que seria um sociólogo ou um economista do desenvolvimento.

Foi o que eu fiz nestes últimos quase 70 anos. Conservo ainda no meu website uma seção, “Bons filmes que vi recentemente”, na qual coloco o nome dos filmes, sua origem, data, diretor, roteiristas, atores, e algumas estrelinhas que são geralmente 4 e 5 – bom e ótimo. Como sou apaixonado pelo cinema, raramente assisto a um filme que me obrigue a dar três estrelinhas. O cinema é uma arte maravilhosa, é a junção da literatura, das artes plásticas, do teatro, da música, da arte do cineasta e da grande equipe de escritores, roteiristas, técnicos e atores que o realizam.